

Entrevista a Francesco Giarrusso: “A fotografia deixa-me mais livre”

Francesco Giarrusso, **nascido em Itália mas com coração português**, é conhecido como um dos mais brilhantes **investigadores do cinema português**. Dedicou a sua tese de fim de curso e tese de doutoramento ao estudo da obra de João César Monteiro. Em 2009 realizou *Canto da Terra D'Água* com Adriano Smaldone. **Do cinema transitou para a fotografia**, aprofundando alguns dos temas centrais no seu cinema e investigação académica: a passagem do tempo, a representação como fantasmagoria e uma atracção por uma certa estética “primitiva”. Ente os dias 14 e 30 de Abril de 2017 montou a exposição *Traços-Fantasmas* na Galeria Germinal (curadoria de Sabrina D. Marques).



És doutorado em cinema. Tens uma notável produção teórica sobre a natureza (fantasmática) da imagem cinematográfica. Realizaste um filme chamado *Canto da Terra D'Água*. Perguntava-te como é que do cinema passaste para a fotografia.

A passagem para a fotografia não foi premeditada, mas tornou-se inconscientemente o único caminho que naquela altura poderia ter escolhido. Na verdade, reparei só no fim da realização do projecto *Traços-Fantasmas* ter feito algo de muito próximo do meu primeiro filme *Canto da Terra d'Água*. Nos dois eu encontro os mesmos medos, as mesmas preocupações, as mesmas perguntas relacionadas com o devir do tempo, com a sua estratificação, com o sentido do passado e a sua relação com a memória individual e colectiva. Em ambos os projectos encontro uma certa índole arqueológica virada para a revelação/descobrimto de ruínas físicas e emocionais: vestígios de vidas sepultadas pelo tempo e pela terra. Dito de outra forma, é como se com *Traços-Fantasmas* tivesse continuado o filme anterior desta vez tentando tirar fotografias *no tempo* e não

fotogramas *do tempo*, captando e concentrando numa só imagem a acção do tempo quase como se quisesse ampliar (no duplo sentido do termo e logo também na sua acepção fotográfica) o meu objecto de análise para o estudar e observar melhor à maneira quase – aqui talvez eu esteja a exagerar um pouco – de Janssen ou Marey que decompunham o devir do tempo e do movimento para ver aquilo que fisiologicamente não se consegue perceber. E no meu caso acrescentaria dizendo os fantasmas...

Além disso, para fazer cinema é necessário colaborar com outros profissionais, ter parcerias e interagir com uma máquina de produção mais ou menos grande. Na altura em que comecei a aproximar-me da fotografia já estava em Bérghamo (Itália) e, embora tivesse voltado à minha cidade de origem, não conhecia ninguém e ainda por cima tinha perdido os contactos dos poucos companheiros da área do cinema. Digamos que isso não foi a causa principal da minha viragem fotográfica, mas com certeza ajudou-me para me aproximar de uma forma de arte mais solitária e independente e, para ser sincero, isto teve mais a ver com a minha inclinação pessoal. De facto, a fotografia deixa-me mais livre, pouco condicionado por pressões ou expectativas alheias: posso cultivar o meu tempo, perder-me nele para me deixar surpreender pela contingência, pelos erros cometidos e pelas descobertas iluminantes que, por vezes, só a paciência pode proporcionar durante o caminho. Posso abandonar o projecto e retomá-lo de improviso após uma revelação do real, uma sugestão inesperada. Por outras palavras, a fotografia, tal como eu a concebo e a pratico, permite-me divagar ao longo do caminho, experimentar outras veredas acompanhando-me no meu percurso de pesquisa, ou seja, a fotografia torna-se também testemunha da trajectória da minha existência: companheira do meu contínuo errar, no duplo sentido do termo.



A exposição que realizaste na Galeria Germinal tem o título *Traços-Fantasmas*. Porquê este nome?

Este título combina os dois aspectos da fotografia que desde sempre me intrigaram: a natureza indexical da fotografia química e o aspecto fantasmático da imagem fotográfica, a sua relação inevitável com aquilo que já foi, com a memória do passado onde a realidade se mistura com a fantasia das recordações, fantasia que – gosto de o repetir sempre a mim próprio – vem de φάος que em grego antigo significa luz. Por outras palavras, *Traços-Fantasmas* tenta, desde o título, conjugar o visível com o invisível, o corpo com aquilo que é imaterial. De facto, é este o fio condutor que atravessa todas as fotografias da exposição pondo em relação também a imagem fotográfica com a imagem do espectador que se reflecte e confunde num constante diálogo com a imagem que está diante dele graças também ao suporte em alumínio sobre o qual a sombra do espectador mergulha no preto e branco das minhas paisagens interiores.

Construíste uma câmara fotográfica em madeira seguindo o modelo original de Louis Daguerre. A impressão foi realizada directamente sobre papel fotográfico. Uma técnica oitocentista trazida para o século XXI. Posso dizer que pensaste as imagens a partir da construção do aparelho ou foi o contrário?

Li uma vez num livro de um extraordinário estudioso e crítico fotográfico italiano, Ando Gilardi, que o aparelho fotográfico industrial, pelo próprio processo de fabricação, inclui em si, quase de forma prefeccionada, todas as qualidades e imperfeições que aquela mesma máquina possui e que, portanto, pode transferir nas imagens. Isto é, máquinas iguais apresentarão os mesmos defeitos e as mesmas virtudes e tendencialmente terão potencialmente as mesmas *performances*. É óbvio que com isso não quero absolutamente tirar importância ao papel fundamental do fotógrafo, mas pensei que poderia ser interessante construir uma máquina que pudesse gravar as imperfeições e os defeitos relacionados com a minha escassa perícia na construção do aparelho.

Foi como se tivesse querido incluir nas minhas fotografias uma marca pessoal da minha passagem, não apenas do meu olhar, mas das minhas mãos que deram vida a imagens irreproduzíveis, a erros inesperados, a manchas imprevisíveis. Além disso, construí uma máquina a partir do projecto de Daguerre pela simples razão que encontrei, sempre num livro de Ando Gilardi, o projecto em escala 1:1 da máquina do inventor francês, proporcionando-me a possibilidade de obter um negativo muito grande (20x20 cm) sem ter de comprar um aparelho de grande formato. Construí também uma objectiva rudimental, mas decidi realizar um furo estenopeico para poder explorar a dimensão temporal que esta técnica proporciona. E para tal decidi empregar papel fotográfico como película para alongar ainda mais os tempos de exposição. Tal como disse antes, interessava-me fotografar o tempo consolidando-o numa só imagem, quase como se o devir do tempo coubesse dentro a moldura de uma fotografia. Não sei bem se respondi à tua pergunta, mas foi essa a minha relação ou traição no que diz respeito às técnicas do passado...



Em que medida as tuas imagens aspiram a uma ultrapassagem do tempo, parecendo novas e antigas ao mesmo tempo?

Como qualquer fabricante de imagem, quero que elas possam ultrapassar o tempo do próprio criador. De resto, é a aspiração de qualquer arte, embora eu não saiba se posso definir as minhas fotografias como arte. Sinceramente esta mistura do antigo com novo foi apenas em função das intenções que me levaram a realizar este projecto. A única preocupação foi a de não cair numa mera reprodução de antigas técnicas finalizada em si própria. Dito de outra forma, tentei recusar qualquer tipo de estetismo *d'antan* ou re-evocação histórica. A razão que me levou à construção da minha máquina estenopeica de grande formato com papel fotográfico 25 ISO reside em motivos ideológicos ligados a uma precisa pesquisa pessoal que poderia concretizar apenas com a técnica que utilizei.

E agora: para onde caminhará o futuro do teu trabalho no campo da fotografia? De novo, partindo desse passado pioneiro ou originário da fotografia?

Gosto de apropriar, tal como um *bricoleur*, de peças e dispositivos pré-existentes, desmontá-los, misturá-los a fim de construir aparelhos que possam satisfazer as exigências das minhas investigações. Agora estou a pensar em continuar a minha pesquisa em torno do tempo e por isso estou a construir, adaptar, utilizar aparelhos fotográficos que possam realizar uma sucessão contínua de fotografias no tempo quase como se fosse uma espécie de câmara de filmar rudimentar. Estou a pensar nos sujeitos do projecto e também na tipologia de construção da imagem final. Por vezes tenho este pensamento infantil: o que aconteceria se em vez de ver as imagens de um evento em sucessão, colocasse as fotografias uma em cima da outra e imprimisse esta sobreposição de poses dentro de um único quadrado? Como é óbvio, não vos direi os sujeitos destas composições que serão daqui a algum tempo o tema do próximo trabalho.



[Luís Mendonça](#), 9 de Julho de 2017.

Disponível na Internet:

- <https://www.ipflinhadotempo.pt/pdf/2017-entrevistafrancescogiarrusso.pdf>